

## Os Limites do Diagnóstico Psicanalítico Clássico

**Estella Santa Bárbara Souza<sup>1</sup>, Belo Horizonte**

Resumo: Buscou-se discutir acerca dos limites do diagnóstico na psicanálise clássica e, para isso, a revisão teórica bibliográfica foi utilizada como metodologia e perpassa por Freud e Lacan e se estende até autores contemporâneos, como Soler e Quinet. Em um primeiro momento, pretende-se demonstrar o que se denomina como diagnóstico psicanalítico e como essa prática foi estabelecida pelos autores clássicos para então refletir acerca dos limites desse diagnóstico. Em face disso, a psicanálise propõe uma ampliação de um significante primordial: o Nome-do-pai. Essa mudança de perspectiva permite à psicanálise abordar a variedade das produções singulares presentes da complexidade humana, que ultrapassa a dicotomia neurose/psicose.

PALAVRAS-CHAVE: Diagnóstico; Estrutura; Nome-do-pai; Psicanálise.

### Introdução

Por muito tempo, o diagnóstico psicanalítico se fundamentou em torno das diferenças entre a neurose e a psicose. Esse exercício de diferenciação foi proposto por Freud e desenvolvido por Lacan no estabelecimento de uma clínica estrutural e se justificava pelo fato de que este compromisso é capaz de proporcionar uma direção para a prática clínica.

Entretanto, tornou-se possível perceber que o diagnóstico estrutural se mostrou insuficiente diante do surgimento de demandas clínicas consideradas como inclassificáveis,

---

1 Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – Faculdade de Psicologia Rua Genebra, 990, apto. 302, Belo Horizonte – MG, CEP: 30421-121, Tel.: (31) 98842-0729. E-mail: [estellasouza2019@hotmail.com](mailto:estellasouza2019@hotmail.com)

uma vez que não era possível encontrar uma saída óbvia no que diz respeito à classificação dicotômica entre neurose ou psicose. Com o objetivo de conhecer os limites do diagnóstico estrutural psicanalítico, a utilização da estratégia de revisão bibliográfica foi empregada, a partir da utilização de informação de materiais já publicados.

Visto que a psicanálise tem como princípio norteador abranger a complexidade dos processos subjetivos, tornou-se necessário uma ampliação em torno das diretrizes do diagnóstico psicanalítico. Então, foi proposto que o Nome-do-pai, que antes se caracterizava pela sua centralidade, se transformasse em Nomes-do-pai, a fim de que outras formas de arranjo subjetivo fossem contempladas. Por fim, foi possível perceber que a psicanálise se tornou, de fato, capaz de abranger outras formas de produção singulares não fixadas na ausência/presença do Nome-do-pai.

### **A perspectiva freudiana do diagnóstico psicanalítico**

Pode-se dizer que a importância do diagnóstico diferencial se encontra presente ao longo da obra freudiana, já que é possível verificar os esforços do autor para obter uma compreensão psicanalítica acerca do diagnóstico. Sobre a realização do diagnóstico, aponta Freud (1913/1996, p. 140):

Estou ciente de que existem psiquiatras que hesitam com menos frequência em seu diagnóstico diferencial, mas convenci-me de que, com a mesma frequência, cometem equívocos. Cometer um equívoco, além disso, é de muito mais gravidade para o psicanalista que para o psiquiatra clínico, como este é chamado, pois o último não está tentando fazer algo que seja de utilidade, seja qual for o tipo de caso.

Para Freud, o diagnóstico psicanalítico, nomeado pelo autor como diagnóstico diferencial, pode ser caracterizado como o estabelecimento de uma diferenciação entre a neurose e a psicose. Salienta-se que, para o autor, a análise e a construção de um diagnóstico diferencial precisam se predispor de alguns elementos dentre eles a associação livre e a transferência, noções que são fundamentais para a diferenciação entre neurose e psicose e para a análise propriamente dita (Klajnman, 2021).

## Os Limites do Diagnóstico Psicanalítico Clássico

Além disso, é fundamental ressaltar que para a psiquiatria clássica, faltava a noção de inconsciente, conceito psicanalítico introduzido, também, por Freud.

A associação livre do analisando, além de condição essencial para a construção do diagnóstico psicanalítico, é a regra única da psicanálise (Quinet, 1991). De acordo com Loures e Fernandes (2015), o analista oferece ao analisando um espaço de escuta qualificada e lhe concede uma oportunidade para falar e, por isso, durante o início do tratamento, deixa-se o paciente falar durante quase todo o tempo de análise (Quinet, 1991). A fala do analisando, por sua vez, deve ser articulada livremente, a fim de que este escolha em que ponto começa. Martinez (2019 citado por Araújo, 2000; Minerbo, 2013; Prizskulnik, 2000) afirma que o diagnóstico se torna possível a partir da escuta das manifestações inconscientes do analisando, decifradas pelo analista na prática analítica.

Vale ressaltar, ainda, que o conceito de inconsciente e sua incidência no mapa dos sintomas foi uma descoberta realizada por Freud por meio da análise das neuroses (Soler, 2018). Posto isso, a psicanálise freudiana não se ocupa do que pode se observar do corpo biológico, ou seja, do sintoma que o analisante apresenta, mas sim da posição subjetiva em relação ao sintoma (Leite, 2001). Isso significa dizer que o diagnóstico psicanalítico sugerido por Freud, nesse contexto, não tem como propósito realizar a descrição dos fenômenos, como ocorre na psiquiatria clássica, mas busca uma nova forma de compreensão do sintoma (Vieira, 2001). O analista, na prática analítica, deve-se ocupar não apenas com os fenômenos do presente, mas deve possibilitar ao analisando a percepção sobre seu passado e futuro, já que os aspectos inconscientes desvelados são atemporais e não lineares. Todavia, o fenômeno não é incompatível ao diagnóstico psicanalítico, isso porque é somente a partir dos fenômenos que se torna possível a realização do diagnóstico pela psicanálise. Porém, o conhecimento acerca dos fenômenos não tem como propósito classificar o sujeito em análise, mas permite a compreensão da posição subjetiva do analisando, a partir de sua função e seus desdobramentos (Loures & Fernandes, 2015).

Já a transferência, segundo Freud (1912/1996), caracteriza-se, também, como uma das condições para que se torne possível a realização do diagnóstico diferencial psicanalítico e, posteriormente, para que a análise aconteça. A transferência ocorre por meio do vínculo estabelecido entre analista e analisando na situação analítica.

Nesse sentido, pode se afirmar que o analista é um elemento envolvido, na transferência, ao funcionamento psíquico do analisando (Figueiredo & Machado, 2000).

Freud (1915/1996) afirma que a transferência ocorre por meio da repetição, o analisando repete, tanto nas suas vivências, quanto na situação analítica, seus sintomas e inibições. Segundo Freud (1915/1996, p. 178) “o enamoramento da paciente é induzido pela situação analítica”, o que significa que a demanda inicial se transforma em uma demanda de amor, uma vez que repete suas predisposições inconscientes em ato. Todavia, a técnica analítica exige que o analista se recuse a responder essa demanda, portanto, esse amor transferencial não será satisfeito na situação analítica (Freud, 1915/1996). O papel do analista, por sua vez, é permitir que o desejo do sujeito seja desvelado, a fim de que possa ser reconhecido pelo sujeito em análise (Guedes, 2019). Todo esse processo possibilita ao analisando recordar e elaborar um conteúdo traumático (Freud, 1914a/1996).

Uma vez que o objetivo do processo psicanalítico é beneficiar o analisante, o manejo clínico, durante o trajeto da sondagem diagnóstica, deve ser capaz de investigar se as circunstâncias para a análise é favorável (Costa; Oliveira & Santos, 2024). Os conceitos de laço transferencial e associação livre já foram tratados, anteriormente, como especificidades necessárias ao processo de análise e à construção do diagnóstico diferencial. Dessa forma, a constituição do sujeito em função do narcisismo e a relevância do papel do pai evidenciam outros aspectos que merecem ser explorados, já que também são indispensáveis no percurso da sondagem diagnóstica. Isso porque, de acordo com Costa, Oliveira e Santos (2024, p. 10), “estas são coordenadas básicas para orientar a escuta analítica e a direção do tratamento no início de uma análise”.

O narcisismo surge como um conceito importante para a prática psicanalítica, já que atravessa diversos processos da constituição do eu e seu aparato sexual (Silva, 2016). Nesse sentido, torna-se fundamental que esse conceito seja retomado na trajetória freudiana, assim como a relação do narcisismo com o que foi denominado por Freud como Eu Ideal e o Ideal de Eu. No texto *Sobre o narcisismo: uma introdução*, Freud (1914b/1996) expõe que o narcisismo pode ser considerado como uma etapa comum ao desenvolvimento sexual humano. Essa etapa do desenvolvimento, por sua vez, se divide em dois momentos: narcisismo primário e narcisismo secundário.

## Os Limites do Diagnóstico Psicanalítico Clássico

Araújo (2010, p. 80) afirma que o narcisismo primário compreende a etapa em que o bebê faz o investimento libidinal no seu próprio corpo, “quando satisfaz suas pulsões parciais por meio das zonas erógenas a elas correspondentes”.

Vale dizer, contudo, que essa etapa só é preservada diante do amor dos pais, já que, a depender do par parental, o bebê não experimentará nenhum sofrimento. Estabelecido ainda no narcisismo primário, o Eu Ideal pode ser caracterizado como uma formação intrapsíquica em que a própria criança era o seu próprio ideal.

Vale ressaltar que o corpo, na operação narcísica primária, trata-se de uma estrutura desorganizada, estimulada por meio das pulsões (Ullrich & Rocha, 2019). Por conseguinte, visto que o narcisismo primário antecede a formação do eu, a permanência nessa etapa acarretaria à criança a impossibilidade de atingir o estatuto de sujeito (Araújo, 2010).

Além disso, exposta às imposições do ambiente e do seu par parental, a criança constata a incapacidade de ser tudo para a mãe, já que seu interesse não remete inteiramente à criança; tudo isso leva a criança a renunciar a essa posição de satisfação (Silva, 2016).

Contudo, existe, também, uma incapacidade no que diz respeito à renúncia completa dessa primeira experiência de satisfação, tida como perfeita e há uma tentativa de readquiri-la, por meio de uma nova forma: o Ideal do Eu (Silva, 2016).

O conceito de Ideal do Eu é mencionado por Freud como “substituto do narcisismo perdido de sua infância na qual ele era o seu próprio ideal” (Freud, 1914b/1996, p. 101). Isso significa que o Ideal do Eu age na tentativa de retroceder a um Eu Ideal que se apresenta ausente, ou seja, a um ideal narcísico perdido nos primórdios da infância. De acordo com Tarquinio (2015, p.16),

é interessante notar que a constituição do Ideal do Eu se dá, ao mesmo tempo, pela incapacidade de renúncia e pela renúncia de uma satisfação já desfrutada. Explicando: instado pelas injunções de outrem e por seu próprio julgamento crítico, o sujeito figura como incapaz de abrir mão da onipotência e do delírio de grandeza, característicos do narcisismo infantil; no afã de recuperá-los, ele erige uma nova idealidade firmada, justamente, no afastamento do narcisismo primário e na tentativa de se aproximar dos modelos parentais e seus ideais.

Dito isso, pode-se afirmar que o Ideal do Eu surge como uma instância por meio da qual o sujeito se afasta da operação narcísica primária.

Esse afastamento, por sua vez, permite o deslocamento parcial de uma estrutura narcísica primária em direção a um narcisismo secundário (Costa; Oliveira & Santos, 2024).

O organismo desorganizado, antes guiado pelas pulsões no narcisismo primário, atinge um estágio que representa a primeira organização do eu que, por sua vez, ocorrerá por meio da identificação do eu com a imagem dos objetos, ou seja, com a imagem do par parental, etapa caracterizada como narcisismo secundário.

O narcisismo secundário, assim, é o estágio em que a criança investe a sua libido nos objetos, que, em seguida, retorna ao próprio eu (Ullrich; Rocha, 2019). Diante do exposto, tornou-se possível compreender que os investimentos objetais substituídos por identificações orientam o caráter do eu. Dessa forma, Araújo (2010, p. 81) sistematiza que

quanto às realizações pessoais, essas têm por base o ideal de ego que foi forjado a partir das identificações parentais e que permitiu o surgimento do narcisismo secundário em substituição ao período do narcisismo primário, quando a criança era o seu próprio ideal. Daí em diante, o ego idealizado passará a ser objeto dos investimentos libidinais que nortearão o desenvolvimento e fortalecimento do ego.

Freud dedica em *Psicologia de grupo e análise do ego* (1921/1996) um momento para se referir ao papel da identificação na constituição do sujeito. Para o autor, a identificação pode ser considerada como a mais antiga forma de construção de um laço emocional com outro sujeito. Diante disso, se torna fundamental retratar a primeira identificação realizada pelo sujeito, ou seja, sua identificação com a figura paterna (Silva, 2016).

Freud não utiliza a nomenclatura “função paterna” para se referir ao papel do pai na dinâmica da constituição do sujeito, contudo, destaca esse papel no que diz respeito à constituição do Ideal do Eu (Quintella, 2014). Sobre isso, Freud contextualiza a existência de uma ambivalência dirigida à figura do pai, diante do desejo do filho em ocupar o lugar que o pai ocupa na dinâmica familiar (Quintella, 2014).

Isso se dá porque, ao mesmo tempo em que a figura do pai é admirada pelo filho pela posição que ocupa, ela também representa um empecilho no que diz respeito à satisfação pulsional do filho com a mãe. Isso significa que o pai, sendo a figura para quem a mãe dirige o seu desejo, será considerado, pelo filho, como ideal e em quem o filho sustentará uma identificação (Freud, 1921/1996).

## Os Limites do Diagnóstico Psicanalítico Clássico

Essa ambivalência em relação à figura do pai acarretará a fantasia, pelo filho, de matar o próprio pai.

A fantasia do parricídio, nesse sentido, concebe ao pai um lugar fundamental no que se refere à organização psíquica e cultural do sujeito, já que o impede de consagrar a satisfação incestuosa. Em razão da mortificação do pai na fantasia do sujeito, a “presença” do papel paterno será consolidada. O sentimento de culpa, então, surge como um aspecto decorrente da fantasia de morte do pai e impede decisivamente a ocupação do lugar paterno na relação com a mãe (Quintella, 2014). A impossibilidade de ocupação do lugar do pai leva o sujeito à identificação com a figura paterna por meio da introdução dos traços referentes a essa figura. Dito de outra maneira, a criança, impedida de tornar-se o pai, internaliza os traços da imago paterna (Quintella, 2014).

Nomeado pela primeira vez por Freud (1923/1996), o conceito de Supereu é formalizado pelo autor na segunda tópica da sua teoria. Segundo Murta, Schimith e Queiroz (2015), essa instância psíquica, por sua vez, é derivada da identificação ao pai, citada anteriormente. Dessa maneira, pode-se dizer que o Supereu é constituído a partir da internalização da lei paterna por meio da operação de identificação, que ocorreu enquanto o eu ainda encontrava-se enfraquecido. Sendo caracterizado como o herdeiro do complexo de Édipo, Costa, Oliveira e Santos (2024, p. 20) complementam que o Supereu “seria uma instância intrapsíquica, que exerce uma vigilância crítica aos comportamentos do Eu, enquanto representante das proibições morais e da internalização das leis”.

Diante do exposto, o Supereu e o Ideal do Eu funcionam como organizadores da conduta do eu. Visto que ambos os conceitos se relacionam com o papel do pai na constituição do sujeito, torna-se possível afirmar que até os quadros psicopatológicos mais complexos podem ser decodificados mediante uma análise psicanalítica da função paterna (Costa; Oliveira & Santos, 2024).

### **A perspectiva lacaniana do diagnóstico psicanalítico**

Torna-se fundamental que duas perspectivas da obra lacaniana sejam abordadas, a fim de dar continuidade à discussão do diagnóstico psicanalítico. A primeira delas relaciona-se à estrutura do sujeito e sua determinação pela estrutura do significante e conduzirá a primeira parte da discussão.

Em um segundo momento, o que é chamado de clínica borromeana, conceito introduzido por Lacan, a partir de uma abordagem voltada pros fenômenos psíquicos correspondente aos registros real, simbólico e imaginário, será trazido para dar continuidade à discussão proposta (Soler, 2018). Segundo Lang e Andrade (2019), Lacan propõe uma reconstrução das bases teóricas psicanalíticas, por meio do campo da linguagem. Para isso, o autor, ao utilizar o conceito de estrutura, sugere a influência da linguagem na constituição do sujeito, ou seja, Lacan sugere que os princípios psicanalíticos devem se reconhecer na estrutura da linguagem (Moreira & Teixeira, 2018).

De acordo com Lowenkron (1999), uma estrutura psíquica pode ser caracterizada como um conceito abstrato de agrupamento entre as leis e os elementos internos que regem a vida do sujeito de desejo, e se expressam a partir da linguagem do sujeito. Nesse sentido, a terminologia “estrutura” é utilizada para dizer de um sistema regido por leis que organizam o pensamento do sujeito, independente da sua consciência. Assim, pode-se dizer, de acordo com Lang e Andrade (2019, p. 104), que o inconsciente, à vista disso, “não pressupõe que exista uma parte oculta e irracional na natureza humana. Mas sim que o inconsciente é regido por uma estrutura formal, que produz efeitos através de seus jogos combinatórios autônomos”. Diante desse contexto, vale ressaltar que a sentença do inconsciente como uma instância estruturada por meio campo da linguagem marca o diálogo entre o paradigma estruturalista e a proposta de Lacan (Lacan, 1953/1998).

Lacan subverte os conceitos de significante e significado, retirados do estruturalismo linguístico, pois dispõe a primazia do primeiro em relação ao segundo. Isso significa que os significantes, na obra lacaniana, não se tratam de um significado comum a todos os indivíduos, como se encontram presentes no dicionário. Nesse sentido, Lacan afirma que o significante antecede o significado.

Como exemplo, uma palavra que surge em um sonho não deve se apropriar do significado decorrente da língua, mas deve ser entendida como um significante que pode abarcar vários significados (Quinet, 2021). Posto isso, um significante não significa nada, já que ele produz uma significação apenas se relacionado a outros significantes (Lang & Andrade, 2019). A significação, por sua vez, deve ser fundamentada em sua referência a outra significação. Isso porque a própria estrutura do significante requer uma articulação a outros, o que se denomina como cadeia de significantes.

## Os Limites do Diagnóstico Psicanalítico Clássico

Essa articulação, por sua vez, impede que um significante seja compreendido por si próprio, já que uma significação só se sustenta pela referência a outra significação (Pontes & Calazans, 2017).

Quanto a essa articulação dos significantes entre si e as leis que regem esse processo, Lacan refere-se à metáfora e à metonímia (Sadala & Martinho, 2011). Portanto, segundo Quinet (2021, p. 34), “imagens e palavras são submetidas às mesmas leis: condensação – sobreposição de significantes enquanto metáfora – e deslocamento – associação de significantes por contiguidade enquanto metonímia”. Esses dois processos, por sua vez, fazem parte de um mesmo dispositivo, uma vez que “no instante em que ocorre o deslizamento do sentido (metonímia), surge também o efeito inesperado produzido por uma nova significação (metáfora)” (Lang & Andrade, 2017, p. 110).

Diante do exposto, Sales (2003, p. 53) sugere que

no esteio dessa prevalência do significante, almeja-se livrar a remissão ao sujeito de toda a tradição psicológica, especialmente de sua centralização no eu e de seu constante recurso à noção de representação. Desde esse ponto, o foco se distancia das leituras de cunho individualista para fundar o nível do social (em termos lacanianos, do Outro) como verdadeiro espaço de efetividade dos fenômenos.

Essa passagem demonstra que a obra lacaniana evidencia a determinação do simbólico como função organizadora. Isso porque Lacan (1953/1998) estabelece que o sistema simbólico sobrepõe-se ao indivíduo, já que o último nasce já imerso nessa organização. Nesse sentido, ao passo que a dimensão da linguagem simbólica insere o homem na cultura, “estabelece também uma nova relação com a realidade, baseada na mediação do símbolo entendido como significantes do pacto que constituem como significado” (Pontes & Calazans, 2017, p. 744). Existe, portanto, a antecedência de uma ordem simbólica – o Outro. Este Outro simbólico opera onde as articulações significantes acontecem, ou seja, o inconsciente se forma com base no discurso do Outro (Lang & Andrade, 2017). Ainda, de acordo com Quinet (2021, p. 34), “é a ordem simbólica que dá a armadura de estrutura que enquadra os fenômenos imaginários oriundos do narcisismo. A entrada do ser humano na ordem simbólica se dá por sua vez por intermédio do Édipo”.

Ao passo que Freud contextualiza o Édipo – drama entre o pai, a mãe e a criança – como etapa indispensável na constituição do sujeito, Lacan caracteriza o Édipo a partir de quatro elementos: o pai, a mãe, a criança e o falo. Portanto, Lacan, a partir da adição de um quarto elemento (falo), gera uma outra configuração à trama edipiana (Quinet, 2021).

Nesse sentido, cabe recordar os três tempos do Édipo propostos por Lacan para a compreensão desse novo elemento. No primeiro tempo do Édipo, a criança é tida como o objeto de Desejo da Mãe, ou seja, é identificada e se identifica como falo; a criança e o falo, nesse sentido, são equivalentes. A criança representa tudo para a mãe, ao mesmo tempo em que a mãe é vista como a única capaz de suprir as necessidades da criança. Dito de outra forma, a criança encontra-se no lugar de objeto de Desejo da Mãe e a mãe é para a criança um Outro absoluto, ou seja, sem lei (Quinet, 2021).

Já o segundo tempo marca o início de um processo de simbolização, a partir da entrada da criança na linguagem. Nesse momento, a entrada de um terceiro representará um empecilho no que diz respeito à simbiose mãe-criança. Esse terceiro é caracterizado por Lacan como uma metáfora: a metáfora paterna.

Afinal, trata-se de uma metáfora, já que o Nome-do-Pai “entra em substituição ao falo como objeto de Desejo da Mãe” (Ramirez, 2004, p. 92). Isso significa, para a criança, que o Desejo da Mãe se localiza, a partir de então, em outro lugar e que a mãe também é submetida à Lei simbólica. Posto isso, tem-se que, em um primeiro momento, o Outro absoluto é a mãe, que, em seguida, é barrado pelo Nome-do-Pai, ou seja, trata-se de um “Outro barrado pela inscrição da castração no Outro” (Quinet, 2021, p. 38).

Segundo Quinet (2021, p. 38), “o Nome-do-Pai, inscrevendo-se no Outro, lugar ocupado anteriormente pela “mãe-coisa”, não simbolizada, permite a articulação entre o complexo de castração e o acesso ao simbólico no processo do Édipo”. Dessa forma, de uma posição de ser o falo, o sujeito desloca-se para uma posição de ser faltante e, em seguida, entra em uma posição de ter ou não o falo, momento que marca a entrada do sujeito no terceiro tempo, demarcado como declínio do complexo de Édipo. Por tudo isso, observa-se que a obra lacaniana parte de uma abordagem norteada pela centralidade de um significante primordial: o Nome-do-Pai (Pontes & Calazans, 2017).

A conceituação do que se considera Nome-do-Pai em Lacan é frutífero na psicose, estrutura em que esse significante se encontra ausente.

## Os Limites do Diagnóstico Psicanalítico Clássico

Portanto, a investigação acerca da falta desse significante na psicose em um primeiro momento possibilita que, posteriormente, esse significante se torne um significante primordial para localizar as demais estruturas psíquicas (Pontes & Calazans, 2017).

Nesse sentido, pode-se dizer que, de acordo com Pontes e Calazans (2017, p. 745), que “a função do pai é ser um substituto do primeiro significante introduzido na significação, a saber, o significante materno. O pai, a mãe, a criança e o falo são os elementos em jogo nessa operação”. Portanto, a compreensão do que se considera como metáfora paterna é capaz de definir a estrutura do sujeito (neurose, psicose ou perversão).

Conforme Klajnman (2021), na orientação lacaniana, considera-se o diagnóstico psicanalítico como um diagnóstico diferencial estrutural, que toma o Nome-do-Pai, em sua presença ou ausência, substancial na constituição e determinação da estrutura (Pontes & Calazans, 2017). Vale evidenciar que a estrutura em psicanálise se tornou um importante conceito para a definição dos limites e das principais referências que norteiam a prática psicanalítica, a fim de que se pensasse nesse processo com maior regularidade (Moreira & Teixeira, 2018). Porém, é a partir de 1973 que Lacan deixa de se ocupar do estruturalismo linguístico e passa a referir-se ao ser falante como consequência das categorias imaginário, simbólico e real (Soler, 2018).

Na clínica estrutural, existe uma primazia dos significantes e do simbólico. Por isso, em um primeiro momento da clínica borromeana, Lacan toma o simbólico como categoria mestre, ou seja, como aquilo que ordena o imaginário e o real. Contudo, posteriormente, ele compreende a autonomia e a equivalência dos três registros; esses registros, por sua vez, fazem parte de um enodamento borromeano. A partir da consideração dos três registros como autônomos, a noção do simbólico é alterada. Isso pois não é possível o alcance do simbólico em detrimento das duas outras instâncias, uma vez que o simbólico sozinho não diz respeito a um significado sem o imaginário e o real. Ou seja, o simbólico não é produtor de significação sem o imaginário e o real (Soler, 2018).

Lacan, em 1973, afirma que o simbólico não pode ser caracterizado como cadeia significante, mas é um conjunto de elementos separados, não encadeados entre si; trata-se, então, de uma multiplicidade inconsistente. Além disso, o autor inclui todas as significações fantasmáticas no imaginário, ou seja, tudo o que rege o desejo e não somente a imagem; essa reformulação denota um imaginário destoado do simbólico.

Por fim, o real aparece como aquilo que é impossível ser simbolizado ou ser imaginado; essa concepção confere ao real uma independência em relação às outras dimensões, assim como ocorre no imaginário e no simbólico (Soler, 2018).

Dessa maneira, o diagnóstico na clínica borromeana se constitui a partir do questionamento sobre o enodamento das três estruturas: imaginário, simbólico e real. Dito isso, o que faz com que essas estruturas se mantenham enodadas é o Nome-do-Pai, como uma função suplementar em relação a estas dimensões (Soler, 2018). Assim, vale dizer que a função paterna é o que possibilita o enlaçamento dos registros (Leite, 2001).

Diante do exposto, vale ressaltar que centralizar a constituição do sujeito e a elaboração do diagnóstico psicanalítico em torno da lógica paterna, como foi feito por Freud e Lacan a partir de diferentes terminologias, colabora para a desconsideração das experiências de sofrimento que ultrapassam este sistema classificatório.

### **A passagem da metáfora paterna à pluralização do Nome-do-pai**

Como foi possível perceber, a teoria psicanalítica freudo-lacanianiana é construída a partir de um princípio norteador: a função do pai. Isso porque o Nome-do-pai caracterizava-se como o conceito chave que possibilitaria a diferenciação entre as estruturas clínicas, contudo, Nome-do-pai não representa uma mesma definição em todos os trabalhos em que esse conceito aparece (Soler, 2018). Portanto, busca-se explorar o trajeto de atualização dessa definição no contexto contemporâneo, já que ainda se trata de um conceito norteador para o estabelecimento do diagnóstico psicanalítico.

Destaca-se, posto isso, que o Nome-do-pai, desde o início, esteve entrelaçado à prática psicanalítica (Pontes, 2017). Como um significante, ele funcionava conforme as leis da metáfora na medida em que o pai viria substituir o significante materno. Por isso, a operação da metáfora paterna, na clínica estrutural, é o que possibilitaria à criança se tornar sujeito, ou seja, “permite ao sujeito se orientar na ordem simbólica” (Menicucci & Santiago, 2013, p. 209). Nesse sentido, o Nome-do-pai funcionava como garantidor da função simbólica e detentor da interdição, responsáveis por introduzir o sujeito na cultura, ou seja, o Nome-do-pai era colocado como referência no método clínico.

## Os Limites do Diagnóstico Psicanalítico Clássico

Isso significa que a ausência ou presença do Nome-do-pai eram considerados como os elementos que conduziriam à construção do diagnóstico estrutural psicanalítico. Sobre o Nome-do-pai, Pontes (2017, p. 15), afirma que “a sua inscrição ou foraclusão no campo do Outro terá efeitos definidores na localização estrutural do sujeito”.

Assim sendo, pode-se dizer que Lacan considera a metáfora, precisamente a metáfora paterna, como um ponto de basta, como aquilo que detém e, por sua vez, interrompe o deslizamento do significado sobre o significante e sustenta uma significação. Sendo a metáfora paterna a referência de Lacan neste momento, é ela que detém esse deslizamento (Menicucci & Santiago, 2013).

Análoga à metáfora paterna, a metáfora delirante pode ser interpretada como uma suplência em relação a inoperatividade do Nome-do-pai, ou seja, como uma solução psicótica perante a foraclusão do Nome-do-pai. A metáfora delirante, nesse sentido, mostra a viabilidade de um processo de simbolização, a partir de uma operação sobre o significante, que permite a localização do sujeito no discurso do Outro (Guerra, 2007).

Dito isso, tomar a construção delirante como uma metáfora é equivalente a afirmar que a metáfora paterna é passível de suplência (Menicucci & Santiago, 2013). Logo, pode-se dizer que Lacan buscava entender a estabilização do sujeito por meio dessa relação metafórica que articula significante e significado, permitindo a emergência de sentido. Ao ser possível o estabelecimento da metáfora delirante para este fim, entende-se que Lacan ultrapassa o conceito de metáfora paterna, já que se torna possível prescindir dela (Menicucci & Santiago, 2013).

Vale dizer que a concepção de metáfora possibilitou a Lacan conjecturar a amarração entre simbólico e imaginário, o que evidencia uma aproximação com a sua última clínica. Isso significa que, desde a formulação da metáfora, Lacan tentava compreender a relação entre os registros, contudo, a metáfora evidencia uma primazia do simbólico em relação aos registros, o que se caracteriza como uma divergência em relação à topologia dos nós.

Além dessa hierarquia do simbólico, vale dizer, também, que o real não foi contemplado por Lacan nessa época e, portanto, a articulação entre os registros só ocorreria entre simbólico e imaginário, ou seja, tratar-se-ia de um nó de dois. Por isso, apesar dessa aproximação, ainda não se poderia dizer de uma clínica borromeana (Menicucci & Santiago, 2013).

Diante desses impasses, é possível afirmar que a aposta na metáfora não podia mais se sustentar, o que demandou uma revisão na abordagem psicanalítica baseada na linguística (Guerra, 2007). A amarração sintomática, nesse sentido, surge como uma perspectiva que busca dar conta da amarração entre os três registros: real, simbólico e imaginário (Menicucci & Santiago, 2013).

A princípio, pensava-se que o próprio nó contivesse em si mesmo a propriedade de enodamento, entretanto, essa ideia de enlaçamento é reformulada, já que os três registros, como elementos independentes, apresentam-se desvinculados inicialmente. A propósito, o enlaçamento consistiria na união dos três registros autônomos. Visto isso, para que haja a articulação das três consistências, destacou-se a necessidade de um quarto elemento (Martins, 2019).

Dessa maneira, o enlaçamento seria somente possível com a presença do Nome-do-pai, que pode ser interpretado como o quarto círculo, que possibilitaria o enlaçamento das três dimensões, como um elemento supletivo a elas. Isso significa dizer que o Nome-do-pai passa de uma posição primária para uma posição secundária, a partir da última clínica de Lacan (Soler, 2018). Diante dessa nova configuração, o Nome-do-pai se torna apenas uma das estratégias adotadas pelo indivíduo para se adaptar, ou seja, o Nome-do-pai é passível de substituição.

O endonamento pode ser realizado, portanto, com o elemento Nome-do-pai ou com outros elementos, ou seja, com as suplências do Nome-do-pai que possuem uma função de endonamento; tratariam de soluções diversas perante a ausência do Nome-do-pai. Sob a perspectiva das suplências, o sujeito pode recorrer a um recurso próprio de rearranjo e alcançaria a função de estabilização (Guerra, 2007).

Não seria possível, então, dizer que o Nome-do-pai permanece sendo indispensável na constituição do sujeito (Soler, 2018). À vista disso, o Nome-do-pai não mais se configura como a baliza orientadora, mas isso não significa que esse elemento se torna indispensável, ainda que seja possível prescindir dele. O Nome-do-pai ainda pode preservar o endonamento; o que se destaca é a possibilidade de suplência desse elemento.

Para dar continuidade à discussão, é importante considerar a seguinte questão: se não só o Nome-do-pai caracteriza-se como o elemento que permite esse endonamento, o que enoda?

## Os Limites do Diagnóstico Psicanalítico Clássico

Para tentar responder a essa questão, Lacan reduz o Nome-do-pai à sua função primordial: a função de dar nome às coisas (Soler, 2018). Nesse sentido, a função de nomeação passa a ser apresentada como o quarto elemento, essencial para o enlaçamento do nó. Dizer do pai como nomeador significa dizer que o Nome-do-pai é um significante que nomeia.

A nomeação, de acordo com Soler (2018), diz respeito a uma necessidade humana na medida em que permite a entrada do sujeito no discurso do Outro que não determina aquilo que o sujeito é ou não é, mas certos significantes do Outro impõe uma determinação ao sujeito, como uma forma de alienação do que se deve ser (Quinet, 2012).

Aquilo que nomeia produz uma marca no sujeito daquilo que o antecede. O nome próprio, por exemplo, insere a criança em um grupo familiar, no qual o sujeito se identifica. Nesse sentido, ao mesmo tempo em que produz o pertencimento a um grupo e a entrada do sujeito na linguagem, o nome apaga o sujeito e o aliena ao desejo do Outro (Souza & Danziato, 2014).

Cabe ao sujeito viabilizar o deslizamento dos significantes do Outro, a fim de construir sua própria experiência; essa ambivalência em torno dos significantes do Outro é o que compõe o sujeito (Quinet, 2012). A alienação e posterior desalienação acerca da nomeação é o que permite o sujeito se enodar. Esse movimento ainda, além de operar no enodamento das consistências, enoda os sujeitos entre si. Por isso, pode-se dizer que a nomeação faz laço social (Soler, 2018).

Enunciar a articulação do Nome-do-pai a sua função primordial é o mesmo que dizer que o pai, enquanto nome, se transforma no pai, enquanto aquele que nomeia (Bastos, 2008). Diante desse contexto, segundo Pontes (2017), o Nome-do-pai, a partir dessa perspectiva, transforma-se em Nomes-do-pai.

Isso já o endonamento se torna possível a partir de incontáveis Nomes-do-pai, ou seja, de uma multiplicidade indefinida de significantes que nomeiam e que, conseqüentemente, moldam a realidade psíquica do sujeito a partir da amarração dos registros. Assim, “o enlaçamento a partir do quarto nó é resultado da invenção do sujeito a partir da sua versão do pai” (Pontes, 2017, p. 100). Por isso, poder-se-ia falar, então, em pluralização do Nome-do-pai.

Posto isso, a pluralização do Nome-do-pai resulta na diluição do Nome-do-pai como elemento primordial, ao mesmo tempo em que estabelece a nomeação como singular e fundamental no enlaçamento dos registros. Portanto, passa-se a considerar a possibilidade de saída particular, em que o sujeito pode encontrar um lugar no laço social.

Todo esse contexto evidencia que a mudança conceitual em torno do Nome-do-pai produz a necessidade de compreensão da prática psicanalítica a partir de um novo enfoque.

Dessa maneira, a prática em psicanálise deve contemplar, agora, a topologia dos nós e as formas singulares em que estes estão enlaçados (Pontes, 2017). Isso significa que não só o Nome-do-pai é detentor dessa função, ou seja, o Nome-do-pai é considerado um *sinthoma*, bem como podem existir outros *sinthomas* que cumprem a função de enodamento.

O *sinthoma*, nesse sentido, caracteriza-se como um mecanismo reparador do nó, um acréscimo, diante de uma falha no enodamento entre real, simbólico e imaginário, como uma suplência do Nome-do-pai. Sendo um operador que permite a estruturação do sujeito, o *sinthoma* prescinde do Nome-do-pai, já que ele é o elemento responsável por enodar as três consistências (Pontes, 2017).

Considerar a possibilidade de suplência do Nome-do-pai pelo *sinthoma* é fundamental, principalmente no campo das psicoses. Acreditava-se, a princípio, que os sujeitos psicóticos não produziam laço social (Soler, 2018). No entanto, o que se aponta com a suplência é a entrada do sujeito no discurso, mesmo que desprovido do Nome-do-pai.

Isso porque se tornou possível compreender os outros modos pelos quais o sujeito enoda-se perante a ausência desse significante, já que a nomeação, que produz o enodamento, produz laço social (Guerra, 2007).

O Nome-do-pai é imprescindível na medida em que sua função, a de nomear, é necessária para a estruturação do sujeito. Nesse sentido, não resta outra opção a não ser reconhecer a função do Nome-do-pai, ainda que o próprio Nome-do-pai seja passível de suplência, como sugere Pontes (2017). Logo, sustenta-se que o diagnóstico psicanalítico passa a ser utilizado diante da topologia nodal, da pluralização do Nome-do-pai e do *sinthoma*.

Para que esses conceitos surgissem e se tornassem balizas para a construção do diagnóstico psicanalítico, foi necessário retomar as diferentes concepções de pai para a psicanálise.

### **Considerações finais**

Como foi enfatizado, percebe-se que a psicanálise, ao tratar da questão do diagnóstico, trata o papel do pai como um aspecto primordial desde Freud. Contudo, o Nome-do-pai, conceito introduzido em Lacan, baseado nas construções freudianas acerca do pai, sofreu modificações ao longo das teorizações psicanalíticas.

Isso porque a prática clínica demonstrou a necessidade de atualização do Nome-do-pai à medida que outras formas de produção singulares se mostraram tão eficazes quanto o Nome-do-pai ao possibilitar o sujeito uma construção de laço social. Posto isso, pode-se dizer que a novidade se coloca a partir da possibilidade de suplência em relação ao Nome-do-pai. Diante de uma diversidade de arranjos no nó, a compreensão dos casos que eram considerados como inclassificáveis se torna possível.

## Referências

- Araújo, M. G. (2010). *Considerações sobre o narcisismo*. *Estudos de psicanálise*, 34, 79-82. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010034372010000200011&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010034372010000200011&lng=pt&nrm=iso).
- Bastos, A. (2008). *O sinthoma: uma questão de escrita*. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 11(2), 349-356. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982008000200014>.
- Costa, A., Oliveira, F. & Santos, T. (2024). *Como se inicia o tratamento psicanalítico? Algumas considerações freudianas sobre a construção da hipótese diagnóstica*. *Tempo Psicanalítico*, 56, 6-27. <https://www.tempospsicanalitico.com.br/tempospsicanalitico/article/view/785>.
- Figueiredo, A. C. & Machado, O. (2000). *O diagnóstico em psicanálise: do fenômeno à estrutura*. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 3(2), 65-86. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982000000200004>.
- Freud, S. (1996). *A dinâmica da transferência*. In S. Freud, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. 12, pp. 107-119). Imago. (Trabalho original publicado em 1912).
- Freud, S. (1996). *O ego e o id*. In S. Freud, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. 19, pp. 13-82). Imago. (Trabalho original publicado em 1923).
- Freud, S. (1996). *Observações sobre o amor transferencial (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise III)*. In S. Freud, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. 12, pp. 173-188). Imago. (Trabalho original publicado em 1915 [1914]).
- Freud, S. (1996). *Psicologia de grupo e análise do ego*. In S. Freud, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. 18, pp. 73-146). Imago. (Trabalho original publicado em 1921).
- Freud, S. (1996). *Repetir, recordar e elaborar (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II)*. In S. Freud, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. 18, pp. 159-171). Imago. (Trabalho original publicado em 1914a).
- Freud, S. (1996). *Sobre o início do tratamento (Novas Recomendações Sobre a Técnica da Psicanálise I)*. In S. Freud, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. 12, pp. 135-158). Imago. (Trabalho original publicado em 1913).
- Freud, S. (1996). *Sobre o narcisismo: uma introdução*. In S. Freud, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. 14, pp. 75-108). Imago. (Trabalho original publicado em 1914b).
- Guedes, D. (2019). *Uma introdução ao conceito de objeto a*. *Psicanálise & Barroco em revista*, 8(1), 159-174. <https://seer.unirio.br/psicanalise-barroco/article/view/8782>.
- Guerra, A. (2007). *A estabilização psicótica na perspectiva borromeana: criação e suplência*, [Tese de doutorado em Teoria Psicanalítica]. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

## Os Limites do Diagnóstico Psicanalítico Clássico

<https://www.livrosgratis.com.br/ler-livro-online-2205/a-estabilizacao-psicotica-na-perspectiva-borromeana-criacao-e-suplencia>.

- Klajnman, D. (2021). *O Diagnóstico diferencial entre neurose e psicose: questões sobre continuidade estrutural*. Revista de psicologia da Unesp, 20(2), 64-95. <https://revpsico-unesp.org/index.php/revista/article/view/421>.
- Lacan, J. (1998). *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*. In J. Lacan, Escritos. Zahar. (Trabalho original publicado em 1953).
- Lang, C. & Andrade, H. (2019). *Formalização e clínica psicanalítica: a estrutura, o significante e o sujeito*. Cadernos de psicanálise, 41(40), 99-119. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-62952019000100007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952019000100007&lng=pt&nrm=iso).
- Leite, M. (2001). *Diagnóstico, psicopatologia e psicanálise de orientação lacaniana*. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, 4(2), 29-40. <https://doi.org/10.1590/1415-47142001002004>.
- Loures, N. & Fernandes, P. (2015). *A soberania da clínica: além do diagnóstico em psiquiatria e psicanálise*. Estilos da Clínica, 20(2), 279-295. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-71282015000200008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282015000200008&lng=pt&nrm=iso).
- Lowenkron, T. (1999). *Considerações sobre o diagnóstico em psicanálise*. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, 2(4), 52-61. <https://doi.org/10.1590/1415-47141999004004>.
- Martinez, M. R. (2019). *Tempo e desejo: perspectivas em psicopatologia psicanalítica*. Arquivos Brasileiros de Psicologia, 71(2), 24-33. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-52672019000200003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672019000200003&lng=pt&nrm=iso).
- Martins, V. (2019). *A forclusão do Nome-do-pai: lógica do significante e topologia dos nós*. Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica, 22(3), 290-298. <https://doi.org/10.1590/1809-44142019003004>.
- Menicucci, J. & Santiago, J. (2013). *A metáfora enquanto ponto de basta: uma articulação possível entre a noção de metáfora e a teoria dos nós*. Mental, 10(19), 203-220. <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=42028699003>.
- Moreira, I. & Teixeira, A. (2018). *Diagnóstico em psicanálise: da estrutura ao discurso*. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, 21(4), 739-760. <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2018v21n4p739.4>.
- Murta, A., Schimith, P. & Queiroz, S. (2015). *Os sombrios poderes do supereu*. Opção Lacaniana Online, 16, 1-12. <http://www.opcaolacanianana.com.br/nranterior/numero16/texto7.html>.
- Pontes, S. & Calazans, R. (2017). *O legado estruturalista em Lacan: clínica e diagnóstico da psicose*. Psicologia: Ciência e Profissão, 37(3), 738-752. <https://doi.org/10.1590/1982-3703002952016>.
- Pontes, S. (2017). *Desdobramentos clínico-diagnósticos da psicose a partir da pluralização do Nome-do-pai*, [Dissertação de mestrado em Psicologia]. Universidade Federal de São João del-Rei. [https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=5027885](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=5027885).

Estella Santa Bárbara Souza

- Quinet, A. (1991). *As 4+1 condições da análise* (Vol. 13). Zahar.
- Quinet, A. (2012). *Os outros em Lacan*. Zahar.
- Quinet, A. (2021). *Teoria e Clínica das Psicoses* (Vol. 6). Atos e Divãs Edições.
- Quintella, R. (2014). *As funções do pai: pensando a questão da autoridade na constituição do sujeito contemporâneo a partir de um estudo psicanalítico do ideal do eu*. *Revista Subjetividades*, 14(2), 284-296. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2359-07692014000200011&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692014000200011&lng=pt&nrm=iso).
- Ramirez, H. H. A. (2004). *Sobre a metáfora paterna e a forclusão do Nome-do-pai: uma introdução*. *Mental*, 2(3), 89-105. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-44272004000200008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272004000200008&lng=pt&nrm=iso).
- Sadala, G. & Martinho, M. H. (2011). *A estrutura em psicanálise: uma enunciação desde Freud*. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 14(2), 243-258. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982011000200006>.
- Silva, T. (2016). *Aos olhos de narciso: sobre o narcisismo na estruturação do eu*, [Monografia especialização em Psicologia]. Universidade Federal do Ceará, Sobral. <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/42458>.
- Soler, C. (2018). *A querela dos diagnósticos*. Editora Edgard Blucher.
- Souza, L. & Danziato, L. (2014). *Das relações entre identificação e nomeação: o sujeito e o significante*. *Revista Subjetividades*, 14(1), 53-61. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2359-07692014000100006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692014000100006&lng=pt&nrm=iso).
- Tarquínio, M. (2015). *O ideal do eu é o eu ideal na sociedade individualizada*, [Monografia Especialização em Teoria Psicanalítica]. Universidade Federal de Minas Gerais. <http://hdl.handle.net/1843/54049>.
- Ullrich, A. & Rocha, G. (2019). *A era do narcisismo: condutas narcísicas na sociedade contemporânea*. *Cadernos da Fucamp*, 18(36), 35-50. <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2040>.
- Vieira, M. (2001). *Dando nome aos bois, sobre o diagnóstico em psicanálise*. In A. C. Figueiredo, (org.). *Psicanálise - pesquisa e clínica* (Vol. 1, pp. 171-181). Edições IPUB/UFRJ.